

RECEBENDO PARSIFAL BARROSO NO INSTITUTO DO CEARÁ (*)

MOZART SORIANO ADERALDO

Ninguém poderia ignorar a crise que o mundo atualmente atravessa, de repercussões tão amplas e tão profundas que ameaça culminar com o que jamais acontecera no decurso de vinte séculos de Cristianismo — a própria Igreja Católica dividida e enfrentando insidiosos inimigos internos, depois de ter vencido o paganismo romano, a agressividade dos povos bárbaros, o regalismo medieval, o surto das heresias, a incredulidade dos enciclopedistas e o fanatismo dos primeiros materialistas dialéticos, adversários externos que, por isso mesmo, foram mais facilmente batidos.

Época de excessos e de contrastes, haveriam de ser precisamente alguns daqueles que insistem na necessidade da “promoção do homem” os que menos desejam ver a pessoa humana integralmente respeitada, pelo menos sob o duplo aspecto de matéria e espírito, com deveres sociais mas com direitos inalienáveis que o Estado oficialmente materialista desrespeita, embora não o pudesse fazer.

Mister seria empreender uma contra-ofensiva, cuja finalidade se resumiria na reposição dos valores eternos a seus devidos lugares. Ainda bem que já se notam sinais dessa atitude saneadora, não só por parte daqueles que nunca se deixaram encantar pelo novo processo demoníaco de autodestruição daquelas verdades hoje postas em dúvida ou frontalmente negadas mesmo por quem mais deveria defendê-las. Aquela consoladora atitude vem sendo adotada até por autorizados analistas de nosso comportamento social e de nossas condições econômicas.

Longe de crerem nos bons resultados da chamada “promoção do homem”, campanha de conotação preponderantemente materia-

(*) Discurso pronunciado na sessão de recepção ao novo sócio efetivo prof. José Parsifal Barroso, realizada a 4-12-1967.

Ista, não poderia causar espanto que sociólogos a denunciassem como unilateral, por ignorar as aspirações espirituais da humanidade. Estudiosos do problema humano em suas variadas facetas, homens de visão universal da vida, não se deixariam eles engodar pelo movimento que, quando muito, satisfaria o estômago e o sexo, mas em contrapartida alienaria a liberdade — a de crer em Deus, a de dispor da própria vida, a de educar e formar a família, dentre outras.

Apedeutas em assuntos tão especializados vinham acreditando na fórmula mágica ou encantada da felicidade através, unicamente, da melhoria das condições materiais da vida, abandonando por isso o campo próprio de suas atividades específicas, como, por exemplo, sacerdotes que, interpretando mal a missão da Igreja de protetora dos pobres que sempre foi, travestiram-se de economistas improvisados, de odientos inimigos de países, povos e classes e de formadores de uma juventude esquerdista e guerrilheira, muito menos culpada do que aqueles pela atitude anticristã e agressiva que assume.

Agrada-nos ainda salientar que, refutando essas distorções, não se aprestam somente os sociólogos. Até mesmo pro-homens da chamada área tecnicista se vêm preocupando com o problema, como ocorreu com Shackle, para quem somente será um completo economista aquele que... não souber apenas economia, sabido que, como o salienta Caio Fonseca, o especialista é geralmente a pessoa que tudo sabe sobre uma coisa e nada sabe acerca de tudo mais...

Para cuidar dos problemas humanos não será bastante saber muito sobre pouca coisa, nem estar forrado de uma manifesta boa vontade. Pelo contrário, é preciso partir de uma visão escatológica da vida humana, e não limitar os horizontes de nossa felicidade à simples satisfação de apetites animais, visto como o coração humano, obra de Deus que é, somente em Deus repousa, na afirmação de Santo Agostinho.

Mesmo com relação àqueles que, mais enganados do que enganadores, se deixaram atrelar ao comboio fatídico, a simples boa-fé não os absolveria, pela repercussão de sua atitude, levando outros ao erro. A fábula de Dom Adams demonstra sobejamente que a boa vontade nem sempre salva, sabido que, às vezes, os bem intencionados agem a exemplo daquele símio que, surpreendido por uma grande enchente, encontrou arrimo no galho de alta árvore e, penalizado com os esforços de pequeno peixe contra a corrente impetuosa, quis ajudar o companheiro, para ele menos afortunado, estendendo a mão e retirando-o da água...

Importa, pois, que a melhoria das condições de vida da humanidade não se limite àquela "promoção" de origem tão suspeita, por excluir qualquer sentido espiritual, mas abranja o homem em toda a sua plenitude. Limitá-la aos apetites materiais ou, mesmo, circunscrevê-la à própria tecnologia, desde que divorciada esta de uma visão verdadeiramente humanista da sociedade, não seria boa

solução para nossas angústias. E não somos nós que o dizemos, por mais sincera que realmente seja nossa desvaliosa palavra. É, antes, o próprio Papa Paulo VI, arauto da reforma preconizada na *Populorum Progressio*, encíclica parcialmente citada e deturpadamente interpretada, quem nos chama a atenção para o fato de que "dizer desenvolvimento é com efeito preocupar-se tanto com o progresso social como com o crescimento econômico; não basta aumentar a riqueza comum para que ela seja repartida equitativamente; não basta promover a técnica para que a terra possa ser habitada de maneira mais humana", pois "a tecnocracia de amanhã pode gerar ainda piores males que o liberalismo de ontem".

* * *

É a intelectuais de visão ampla do problema da vida, não limitados aos campos de suas preferências pessoais, antes servidos por uma vasta e sólida formação humanista, que imprimia um sentido humano aos estudos por eles publicados, que ireis suceder nesta Casa, senhor Parsifal Barroso.

A um dêles sucedereis porque foi sua chorada morte que ensinou a vossa eleição para uma Cadeira da entidade cultural que o Barão de Studart, Paulino Nogueira, Antônio Bezerra, Joaquim Catunda e outros fundaram nos idos de 1887.

A outro sucedereis na ordem cronológica e inexorável dos fatos, pois ainda não deflui um mês que o Instituto do Ceará se viu golpeado por seu falecimento imprevisto.

A vós caberá, de praxe, o elogio de ambos e a análise de seus labôres intelectuais. Não nos furtaremos, todavia, a uma referência, por breve que seja, ao amigo e companheiro e ao companheiro e mestre que, respectivamente, foram para nós.

Quanto ao primeiro, Ismael de Andrade Pordeus, filho dos sertões do Quixeramobim, a que pertenceram, até o século passado, as ubertosas terras da Mombaça, não nos haveria de aproximar apenas a vinculação telúrica. De sua visão escatológica da vida, de sua fé inquebrantável e de sua prática religiosa, que o levavam a assistir diariamente à missa vespertina na igreja do Rosário, é preciso que falemos agora, quando precisamente desejamos salientar a carência dessas virtudes nos intelectuais de hoje, mesmo naqueles que se apresentam como espiritualistas mas andam esquecidos dessa marca, renegada em favor de coisas mais positivas. Das teses históricas e opiniões literárias do antigo consócio algumas vezes discordamos, sem que em momento algum deixássemos de reconhecer suas qualidades de pesquisador e escritor — paciente e honesto.

Ao segundo, Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, ligavam-nos profunda afeição e sincera reverência. Descendente de nobilíssima estirpe rural, sempre dedicada a assuntos culturais e políticos, o Dr. Pompeu — como o chamávamos todos, dos mais jovens aos

mais velhos, dos mais novos aos mais antigos no Instituto — foi por assim dizer a cristalização de uma sabedoria transmitida de geração a geração, como geralmente acontece com os grandes homens. Herança cultural e herança biológica concorreram na formação do neto do Senador Pompeu e do sobrinho do Dr. Tomás Pompeu, que chegou a ser o ampliador da obra do avô e do tio, sempre preocupado com a adequação do meio físico regional ao homem do Nordeste e dêste ao seu *habitat*, por via de uma inteligente aplicação dos princípios científicos aos problemas nordestinos. Sem dúvida, sua visão do homem e do meio ambiente era global, do que só poderia resultar uma solução compósita de nossa problemática.

* * *

Os desígnios da Providência destinaram a outro humanista a sucessão dêsses dois eminentes e saudosos consócios, senhor Parsifal Barroso.

Sois vós, indiscutivelmente, precioso exemplo dêsses abencerragens que, sôbre possuírem conhecimento generalizado daquilo que se convencionou chamar Ciência ou, quando muito, Ciências Positivas — como se os demais ramos do conhecimento humano não asentassem suas bases em princípios científicos ou fôssem menos reais por não serem meramente materiais —, possuem ainda vasta cultura geral, responsável por uma visão global do mundo, impossível naqueles especialistas que, conhecendo ou supondo conhecer profundamente alguma coisa, nada sabem sôbre o resto, que para êle é “resto” mesmo, mas para nós é o essencial na vida.

Sois, além disto, o protótipo de nossa raça. Aquêles dois amigos comuns, cujos nomes silêncio e que, devidamente observados pelo sociólogo que sois, costumáveis apresentar como modelos da inteligência cearense, achar-se-iam à vontade ao lado de outros da mesma contextura intelectual, dentre os quais seria de justiça colocar-vos em posição eminente.

Terra de gritante paradoxo entre a pobreza econômica e a riqueza intelectual, êsse antagonismo, como bem o acentua Abelardo Montenegro, provém da intensidade da competição, obrigando o homem a buscar um apoio para a sua classificação social nas vitórias intelectuais. Serviriam estas de promoção para a conquista de lugar destacado no meio social, pelo que a competição entre todos, nem sempre desvestida daquelas “infamiazinhas tão tipicamente provincianas”, vem funcionando como um seletor natural, de que sômente saem vitoriosas as figuras mais representativas do meio. Acresce que ao espírito crítico, à verve e à malícia de nosso povo se devem muitos desmascaramentos de falsos valores empavonados. O axioma segundo o qual “desgraça pouco é tiquinho”, daqui originário, aqui se aplicaria melhor do que em qualquer outra parte do mundo, pois se traduz na escola de humor que é a nossa própria

vida, permutando-se "sofrimento por gargalhadas, preocupações por cascalhadas". Esse nosso espírito pilhérico manifesta-se tão contun-
dentemente que o saudoso pe. Quinderé, um de seus mais legítimos
representantes, costumava afirmar que quem quer que atravessasse
a Praça do Ferreira sem merecer a chasqueada da população se acha
em condições de enfrentar galhardamente qualquer platéia do
mundo... É a tragédia permutada pela comédia, a preocupação tra-
duzida em humor, a irreverência como norma para a apuração de
todos os valores, sobrevivendo apenas o que é legítimo e real.

Ninguém veja, porém, nesse espírito demolidor do cearense a
manifestação de simples levandade ou superficialidade. Como bem
o acentuou Gilberto Freyre, em conferência aqui proferida em 1944
e intitulada "Precisa-se do Ceará", a cultura cearense é "dinâmica,
ativista e ascética. Cultura do fabricante de rede mais para o sono
indispensável e nômade que para o luxo do repouso gostoso, seden-
tário e contemplativo, de fabricante de alpercatas duras e francis-
canas próprias para as caminhadas ásperas e longas, que de chine-
los macios, burgueses, de couro mole, em que os pés se deliciam nos
ócios caseiros e nos prazeres da sedentariedade; de especialista no
preparo de uma carne-sêca, que é outra expressão do seu espírito
ascético e do seu desdém pelos requintes da mesa".

Não obstante outra observação do mestre de *Casa Grande & Senzala*, segundo a qual o mineiro, refletido e moderado, de espírito
conservador, é o suíço do Brasil, enquanto o cearense, irrequieto e
ousado, de mentalidade cosmopolita, é o holandês brasileiro, não deve
haver ilusões a respeito de nossa psicologia: se o Brasil é para todos,
até mesmo para outras raças e povos, o Ceará é para o cearense,
apenas. E isto não somente em decorrência das dificuldades que o
meio nos impõe, mas por outras razões de natureza mais profunda.
O povo mais andejo e cheio de iniciativa é, paradoxalmente, o que
mais reflete a alma brasileira. Tudo o que aqui viceja é profunda-
mente nacional. O Ceará é uma clareira na confusão racial do Bra-
sil. A miscigenação entre nós se limitou ao português ambicioso e
sensual com o índio matreiro e desconfiado. E a raça se tem conser-
vado sem novos enxertos que a desfigurem. Assim como facilmente
se conhecia — não se conhece mais — o inglês heráldico e aparen-
temente abúlico, o cearense é igualmente inconfundível: de estatura
mediana, moreno claro, pouca barba, músculos enrijados, cabelos
em vagos anéis, rosto anguloso e cabeça chata. Os caracteres morais,
à semelhança do tipo físico, são de uma fixidez surpreendente: so-
briedade e resignação, mas muito espírito de resistência, energia e
tenacidade. Diante do inevitável cataclismo cíclico, o homem do Ceará
haveria de submeter-se à lei da natureza, que ele acredita ser lei
de Deus, mas manifestar-se-ia ao mesmo tempo um forte, sem o que
não sobreviveria. Músculos de aço do vaqueiro e do jangadeiro, in-
trepidez do homem do sertão e do homem do mar, que tanto enga-
nam o observador superficial que os surpreende na atitude incon-